

A homossexualidade nas páginas da Revista Veja (2010 a 2013) ¹

Adriana Schryver KURTZ²

Tatiana Reckziegel RODRIGUES³

Escola Superior de Propaganda e Marketing – ESPM-Sul

Resumo

O artigo avalia a representação da homossexualidade em *Veja*⁴, durante o período de 2010 a 2013, em quatro reportagens. As páginas de *Veja* foram revisitadas a partir da Análise de Conteúdo e da própria lógica textual deste tipo de publicação, embasada pelas Teorias do Jornalismo. Foi identificada uma tendência à despolitização das temáticas LGBT, dissociando os indivíduos homossexuais dos movimentos sociais e suas causas. Como o assunto não pode mais ser ignorado, o agendamento mostra-se dependente das “revelações” de celebridades. Também é recorrente a apresentação de estereótipos mais bem aceitos pelo público, como gays de classe média e alta que se enquadram no padrão heteronormativo, enquanto a questão da homofobia é evitada ao máximo.

Palavras-chave: Homossexualidade; Jornalismo; Revista *Veja*; Teorias do Jornalismo; Representação Social.

Introdução

Para Foucault (1988), é a partir do século XIX que o discurso sobre os homossexuais passa a relacionar a orientação sexual com perversão, criminalidade, doenças e anomalias em geral. Já na segunda metade do século XX, os homossexuais começam a se articular política e socialmente em movimentos de luta por seus direitos. A temática ganha espaço nas mídias. No entanto, essa visibilidade era intensamente marcada pelos estereótipos de gays afeminados e lésbicas masculinizadas. Muitas vezes eles tiveram suas histórias contadas por outras pessoas, sendo afastados da posição de fonte jornalística, como explica Soares (2006, p.14):

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em “Comunicação e Informação” pelo PPGCOM/UFRGS. Professora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Coordenadora do Núcleo de Estudos em Jornalismo (NEJOR/ESPM-SUL). Líder do Grupo de Pesquisa “Teoria e Prática no Jornalismo”. adrianakurtz@terra.com.br.

³ Bacharel em Jornalismo pela ESPM-Sul e repórter na República – Agência de Conteúdo. tatianareckziegel@gmail.com

⁴ Este artigo é fruto do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “A representação da Homossexualidade na mídia: uma análise da Revista *Veja* de 2010 a 2013”, e se insere na produção científica do Núcleo de Estudos em Jornalismo do Curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing (NEJOR/ESPM-Sul).

Os homossexuais apenas ocupavam o espaço da terceira pessoa: falava-se deles. Quem eram, como eram, o que faziam e por que faziam. E falava-se com tanta veemência que os sentidos se apresentavam fixos, como se colados nas palavras. E talvez assim o fosse em virtude dos homossexuais não ocuparem uma posição-sujeito para que pudessem falar-se e, portanto, fazer outros sentidos.

Um longo processo histórico culmina em 1968, quando eclodem manifestações pelo mundo clamando o direito à liberdade de mulheres e homossexuais. Ao passo que, no Brasil, se encaram os primeiros quatro anos de ditadura militar. Nesse contexto de proibições e contestações, surge a revista *Veja* da editora Abril, que inaugura em solo brasileiro um modelo americano de fazer jornalismo de revista e torna-se a líder do mercado de revistas semanais de informação no país, posto que ocupa até hoje.

A temática da homossexualidade foi recorrente ao longo da história de *Veja*. Sob diversas óticas que vão se transformando juntamente com a mentalidade vigente na sociedade, a revista foi construindo um panorama de mais de quatro décadas sobre os temas aos quais a homossexualidade foi associada. Cada período foi marcado por polêmicas particulares à época como, nas décadas de 1960 e 1970, quando se questionava qual era a influência genética na homossexualidade e se era ou não uma doença. Já nos anos 80 e 90, muito se falou sobre a relação entre o vírus da Aids e a orientação sexual de gays e, mais recentemente, o casamento homoafetivo e a adoção de crianças por casais homossexuais entraram em discussão também na mídia.

O presente artigo analisa a representação da homossexualidade na Revista *Veja*, de 2010 a 2013. Não há dúvida de que o assunto entrou definitivamente na agenda da mídia como um todo e do jornalismo em particular e, neste sentido, as polêmicas em torno da novela “*Babilônia*”, da Rede Globo⁵ que acompanhamos no momento em que este texto é escrito nos mostram, paradoxalmente, que cada avanço na tematização das relações homossexuais é acompanhado por ondas conservadoras de igual – ou quem sabe maior – poder de reação. Assim, é interessante um olhar retrospectivo sobre o tipo de representação que o jornalismo de revista (SCALZO, 2009) constrói acerca do tema. O recorte se dá a

⁵ Oliveira (2002) traz à tona uma estratégia utilizada pelas telenovelas para construir a trajetória das personagens que fogem do tipo estereotipado de homossexual. Para contar a história do “gay afetado” não é preciso abordar sua orientação, afinal, ela é evidente e não provoca debates na trama. Já o gay ou a lésbica que não se enquadra nesse perfil é retratado por meio do que o autor chama de “narrativa de revelação”. Tal conceito foi criado pelo estudioso Dennis Allen (1995), como explica Oliveira (2002). Ao pesquisar a representação de relações homoafetivas em *Melrose Place*, o autor estadunidense identificou que uma construção de enredo se repetia. Na “narrativa de revelação”, somente se suspeita da orientação sexual da personagem em questão e a grande descoberta ocorre só na etapa final do programa ou perto do encerramento da trama. Aplicando o conceito de Allen ao estudo das telenovelas brasileiras, Oliveira (2002) pesquisou personagens gays ou lésbicas de *Por Amor*, *Torre de Babel* e *A Próxima Vítima*, todas da Rede Globo. A conclusão do autor sobre os três programas exibidos de 1995 a 1999 é que já existia um domínio da “narrativa de revelação” nas histórias das personagens homossexuais, com exceção dos tipos estereotipados, que permanecem nos enredos até hoje.

partir de 2010, data que entendemos ser um marco significativo por sinalizar a primeira virada de década do Século XXI. Nesse momento, a homossexualidade estampa a capa de *Veja*, já sob uma nova ótica, trazendo jovens que assumiram sua orientação sexual, aparentemente libertos dos conflitos e dramas historicamente conhecidos. Em um processo gradual que acompanha a própria transformação da opinião pública brasileira, *Veja* passa a colocar a homossexualidade em pauta com a diferença de que agora o homossexual também é fonte no discurso sobre si.

A análise acompanha um *corpus* de quatro reportagens ao longo de três anos de cobertura da revista. Apesar de cobrir um espectro temporal que entendemos pequeno para o tema, inclusive pelo espaço econômico que *Veja* dedica à questão, a amostra da pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, desvela algumas pistas significativas acerca do real – (ou suposto?) – avanço social na discussão da sexualidade humana mediada/narrada nas páginas de *Veja*. Se parecem evidentes, nos últimos anos, as conquistas em termos dos direitos daqueles cuja sexualidade desafia os padrões heteronormativos, as manifestações de homofobia e intolerância persistem. Por outro lado, ainda há uma lacuna generalizada nos estudos, discursos e tematização da questão homossexual, da qual os meios de comunicação não estão isentos. Após completar 45 anos de existência, a revista *Veja* se apresenta como uma fonte interessante para analisar panoramicamente como a representação da homossexualidade se transformou ao longo dos anos sob a ótica da mídia.

Homossexualidade e mídia no Brasil: entre silêncios, tapas e beijos

Nestes anos iniciais da década de 2010, tem se apresentado uma intensificação da abordagem midiática no Brasil em relação à temáticas relacionadas aos direitos dos homossexuais. Um dos fatores que contribuiu para o agendamento do tema em registros noticiosos nacionais e ligados à política foi a eleição do deputado federal e pastor Marco Feliciano ao cargo de presidente da Comissão de Direitos Humanos e Minorias da Câmara dos Deputados. O político, conhecido por declarações homofóbicas e racistas em suas redes sociais, foi alvo de protestos que mobilizaram o país contra sua permanência no cargo. Os debates em torno das posições assumidas por Feliciano colocaram em pauta a questão da homossexualidade, levando a sociedade a se questionar sobre os reais avanços quanto ao respeito à diversidade sexual conquistados nos últimos anos.

A representação de gays e lésbicas na mídia esteve marcada durante décadas por estereótipos que mostravam gays afeminados e lésbicas masculinizadas. Uma primeira leva de estudos sobre os homossexuais retratados pelas telenovelas surgiu abordando o tema. Em uma pesquisa sobre essas personagens na Rede Globo de Televisão, Colling (2007) fez um apanhado histórico.

Na década de 70, os gays foram ligados com a criminalidade e a maioria era efeminada, afetada ou baseada em estereótipos. Na década de 80, a emissora começa a alternar personagens efeminados e afetados com personagens ditos “normais”, que não demonstravam nenhum traço que os distinguisse dos demais. Uma parte significativa dos personagens não mantém relação com ninguém e, quando isso ocorre, as cenas de sexo ou mesmo beijos não são exibidos. Ou seja, a televisão não mostra exatamente o principal aspecto que nos diferencia dos heterossexuais: com quem fazemos sexo. Além disso, a partir da década de 90, verificamos que, quando os personagens não são afetados, eles passam a se comportar dentro de um modelo heteronormativo (COLLING, 2007, p. 16).

A visibilidade do homossexual inserido na sociedade e longe dos estereótipos não é recente e seria um erro não reconhecer os esforços dos agentes de comunicação em apresentar imagens que não se reduzem a caricaturas. No momento em que a mídia oferece espaço para que essas discussões aconteçam, ela contribui para a constituição de um importante espaço democrático de debate. Esse processo crescente abre brechas para a pluralização do que antes se entedia como uma dualidade de masculinidade e feminilidade, polos pensados como naturalmente estabelecidos. Conforme Beleli (2009, p. 128):

Sem dúvida, a visibilidade de gays e lésbicas nas telenovelas, e de forma mais tímida na publicidade, é crescente. Mesmo as imagens sarcásticas – exibidas no passado recente e, certamente, não erradicadas –, de certa forma, ofereciam inteligibilidade a personagens gays e lésbicas, etiquetando esses sujeitos a partir de normas estabelecidas. Na mudança, o encapsulamento dos personagens gays e lésbicas em um modelo de família parece ser um recurso utilizado para aproximar ainda mais esses sujeitos das convenções estabelecidas.

Apesar de questionável, existe a visão de que a conformação dos homossexuais em padrões heteronormativos atua no sentido de aproximar essas pessoas da realidade de outras parcelas da sociedade. Mesmo a estigmatização do “diferente” sempre foi uma forma de chamar a atenção para esse “diferente”. Este é o paradoxo com o qual as mídias têm de lidar, pois ao mesmo tempo em que esses sujeitos não são reconhecidos como reivindicam, suas imagens já não podem ser ignoradas.

Se as primeiras abordagens teóricas sobre mídia e homossexualidade estão muito relacionadas à temática das telenovelas, começam a surgir estudos – ainda muito restritos ao âmbito acadêmico – que focam sua atenção nos veículos noticiosos. Eles podem fazer uma sofisticada reflexão conceitual acerca da própria noção de fontes nos materiais sobre as

populações LGBT veiculados no Brasil, a exemplo da pesquisa de Bruno Souza Leal e Carlos Alberto de Carvalho (2014). Mas há uma questão primordial que foi bem sintetizada por Márcia Veiga (2010), ao fazer um estudo etnográfico sobre os processos jornalísticos em matérias de televisão produzidas por uma conceituada empresa gaúcha. Como disse a autora:

Acompanhando as rotinas jornalísticas na pesquisa de campo, percebi que os valores das notícias estavam muito relacionados às visões de mundo de meus interlocutores, e que esses valores em muito correspondiam às convenções de gênero e à heteronormatividade. A subjetividade das escolhas superava a ingerência dos valores da própria empresa – cujas diretrizes não chegavam a cercear ou comprometer, de forma evidente, a criação profissional no processo de produção das notícias, e muitas vezes iam ao encontro das visões dos próprios profissionais (VEIGA, 2010, p.165).

Mais do que por uma imposição heteronormativa, o retrato da homossexualidade nas mídias se distancia da realidade por valores arraigados à sociedade. O debate público em torno de temas polêmicos parece sinalizar um avanço no sentido da quebra dos estereótipos e na luta contra a homofobia. No entanto, analisando as ponderações dos autores especialistas na temática, percebe-se que o processo que tem ocorrido caminha no sentido de enquadrar o homossexual nos padrões heteronormativos, mais confortáveis para a aceitação social.

Outra forma de aproximação utilizada pela imprensa com o tema da homossexualidade que gera maior aceitação social é a revelação de celebridades sobre sua orientação sexual. É o que mostra outra pesquisa de Leal e Carvalho (2012), com foco na representação da identidade homossexual em reportagens dos veículos *Folha de S.Paulo*, *O Globo*, revista *Veja*, *Jornal Nacional*, além de telejornal *MGTV 2a Ed* e jornal *O Tempo*, esses últimos dois regionais de Belo Horizonte. Analisando as pautas e a forma como os assuntos são abordados, os autores indicam que os veículos dão destaque para as celebridades que falam a respeito da homossexualidade. E que, em geral, as personalidades que se assumem acabam pautando outros debates, como a adoção por casais homossexuais ou mesmo a união homoafetiva.

Ainda conforme Leal e Carvalho (2012), um aspecto importante que fica evidente ao analisar as reportagens de temática LGBT nestes veículos – com destaque para os impressos - é a despolitização da homossexualidade.

Houve pouco envolvimento entre os movimentos sociais e os veículos, fato comprovado pelo volume pequeno de conteúdo em que os movimentos sociais são tidos como agentes. Os indivíduos – celebridades ou não – são mais recorrentes como tema do que os movimentos sociais, fato que pode indicar não só a hipótese de maior capacidade de agendamento midiático por parte das celebridades no que diz respeito às temáticas do universo LGBT, como, mais

importante, sugerir ainda que os veículos tendem a individualizar as questões, retirando-lhes a dimensão coletiva (LEAL E CARVALHO, 2012, p.19).

Especificamente sobre o papel do jornalismo de revista Vilas Boas (1996, p.74) propõe que estas publicações têm a obrigação de acompanhar o fato e ir além dele, mas não podem “ter a pretensão de dar a palavra final. Deve dar pistas ou até mesmo mais uma interpretação dos acontecimentos”. Contudo, acabam deixando algo nas entrelinhas, o que não significa que “sejam infiéis ao fato reportado. E sim que, ao soltar as amarras da padronização, pode haver o risco de conduzir o leitor a um certo ‘juízo-de-valor’” (BOAS, 1996, p.102).

Aqui, cabe focar nossa atenção novamente à Revista Veja que, como lembra Mira (2003, p. 79), sempre foi um produto estratégico de sua editora.

Veja tem sido, ao longo dos anos, a porta-voz da linha econômica e política da Editora Abril, a única revista diretamente ligada ao seu presidente, Roberto Civita. Por isso, seu papel ideológico nesses campos é crucial. Através de suas matérias, procura-se “mudar a cabeça das pessoas”, como disse Roberto Civita.

Por certo, um dos pontos que mais destacam *Veja* entre os estudos acadêmicos é seu discurso. Com estilo editorializado, a revista mescla ideologia com informação. E como lembra Fiorin (2002, p.32), uma formação ideológica “deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo”. Note-se que esta é também a bandeira levantada pela própria revista *Veja*, que defende claramente um posicionamento político, utiliza da ironia ousadamente na abordagem dos temas e, por vezes, na construção de polêmicas (RECKZIEGEL,2012)

A homossexualidade *apud* *Veja*

A reportagem intitulada “A Geração Tolerância”, publicada por *Veja* em 12 de maio de 2010⁶ dá o tom da representação da homossexualidade construída pela revista na virada de década do Século XXI. O tema ganha destaque na capa da revista sob o sugestivo título “Ser jovem e gay. A vida sem dramas”, ilustrada por um sorridente rapaz branco, discretamente vestido em tons escuros, que posa descontraidamente para a foto.

⁶ Todas as matérias e as capas aqui analisadas estão disponíveis no Acervo Digital de *Veja*

O mote central da matéria “A Geração Tolerância” é o modo como os jovens da nova geração já se sentem livres para assumir sua homossexualidade de forma mais natural. A abordagem traz o tom de que o fim do preconceito estaria se aproximando, num movimento encabeçado justamente pelos adolescentes, como destaca a linha de apoio na primeira das oito páginas destinadas à reportagem especial da edição. “Os adolescentes e jovens brasileiros começam a vencer o arraigado preconceito contra os homossexuais, e nunca foi tão natural ser diferente quanto agora. É uma conquista que deveria servir de lição para muito adultos” (p.106).

O formato da reportagem traz trechos longos, em comparação com o padrão da revista, de depoimentos dos jovens entrevistados. O primeiro trecho está intitulado como “Longe do estereótipo”. No relato de Harumi Nakasone, 20 anos e estudante de artes visuais, surgem expressões que se repetem ao longo das outras páginas. A jovem aborda o estereótipo clássico da lésbica masculinizada e diz não se identificar com ele. “Nunca me enquadrei no estereótipo da menina gay, masculinizada, mas não tenho dúvida quanto à minha opção” (p. 107).

No entanto, se os entrevistados pela reportagem se distanciam de um padrão “masculinizado”, parecem se aproximar de outro estereótipo, o do homossexual que se enquadra na imagem de um heterossexual. Quase como alguém que não interfere na heteronormatividade do seu contexto. Como destacou Nilson Lage, os estereótipos – como no caso de Harumi - são modelos já prontos e de aceitação garantida por parte do público. Ao instaurar a generalidade do particular, as notícias “tornam-se exemplo de algo sobre o que há um consenso ideológico” (LAGE, 2001, p.150).

Ainda vale questionar as consequências da presença desse estereótipo no texto, pois, para Badia e Clua (2008), esses modelos são formados e manipulados especialmente para manter inalterada a ordem social, proporcionando, na prática, o silenciamento de diversos debates sociais na mídia que poderiam provocar mudanças na percepção da sociedade acerca de alguns temas controversos. De fato, sob a ótica de Veja, a menina lésbica em tudo se parece com a heterossexual, exceto por suas práticas sexuais. Sua sexualidade fica relegada à esfera de prática sexual que deve ocorrer entre quatro paredes e, dessa forma, não confronta a sociedade com algo que foge aos padrões estabelecidos pelo *status quo*. A própria Harumi – entre a auto-repressão e o preconceito contra sua própria orientação sexual - surge em outra parte da reportagem reforçando a ideia de uma

homossexualidade que não “choca”, não incomoda. “Nunca fiz o tipo masculino nem quis chocar ninguém com cenas de homossexualidade” (p.109).

O depoimento de Victor Guedes, produtor de moda de 19 anos, já traz no título, “Assumidos, mas discretos” (p.110), o novo estereótipo que Veja receita como o “homossexual correto”, aquele que é discreto quanto a sua orientação. A discrição aqui não surge como a ponderação sobre atitudes que de fato são condenáveis em público, como a prática de sexo. “Às vezes, andamos de mãos dadas, mas não trocamos beijos em público. Não preciso ficar expondo minha sexualidade” (p.110). O relato do jovem demonstra um comportamento que restringe até andar de mãos dadas, ainda mais uma demonstração de afeto comum como um beijo em público. De acordo com a lógica do texto, podendo esses comportamentos, a nova geração de homossexuais estaria se sentindo aceita pela sociedade. Ou seja, quando eles não aparentam serem como são, se enquadram nos padrões e podem conviver pacificamente com a heteronormatividade que segue vigente. Victor Guedes, afinal, confirma aquela percepção de Merton e Lazarsfeld, ao final dos anos 40, acerca da função de reforço das normas sociais promovida pela mídia (apud MARTINO, 2009).

Paradoxalmente, o segundo aspecto que se apresenta repetidas vezes na reportagem “A Geração Tolerância” é o do sofrimento por parte dos pais destes jovens que, segundo a matéria, são “diferentes”. Apesar do título, linha de apoio e elementos visuais e textuais ao longo da matéria reforçarem a tolerância que estaria permitindo que os jovens “saíssem do armário”, os relatos apresentam um outro cenário. Por meio das palavras dos adolescentes que assumiram sua homossexualidade, se percebe tanto o sofrimento por parte dos pais quanto a dificuldade dos jovens em contar a verdade. Mesmo que, ao fim, eles julguem que valha a pena, revelar que é homossexual ainda não é fácil. Não deixa de causar estranheza que a reportagem que pretendia enaltecer a liberdade e naturalidade com que os jovens podem se assumir como homossexuais atualmente não corrobora esse cenário por meio dos relatos empregados ao longo do texto. Como se lê nas páginas de Veja:

A notícia de que um filho é homossexual continua a causar a dor da decepção a pais e mães (descrita pela maioria dos ouvidos por VEJA, como “a pior de toda a vida”). Com pavor de uma reação violenta do pai, meninos e meninas preferem, em geral, contar primeiro à mãe (p.111).

A “dor da decepção” de descobrir que um filho é homossexual está exposta e caracterizada, simplesmente, como “a pior de toda a vida”. Há que se perguntar ao final da leitura de Veja: que sociedade de tolerância é essa na qual a “revelação” dos filhos sobre uma orientação sexual não heteronormativa torna-se a maior dor na vida dos pais? Talvez

não estejamos mais na mesma realidade descrita por Luiz Mott (2001) acerca da homofobia, na qual muitos pais preferiam ter filhos “bandidos” e filhas “prostitutas” a homossexuais. De qualquer forma, parece forçado o universo de aceitação que Veja tenta sugerir ao seu leitor.

Desconstruindo involuntariamente seu próprio enquadramento, a reportagem dá voz a Lucas El-Osta. O rapaz de 17 anos que utiliza o *Twitter* para desabafar revela um verdadeiro drama familiar, em que a irmã, sua primeira confidente, espalha sobre sua homossexualidade, sua família o encaminha para ajuda psicológica e até para a igreja.

Solitário, aos 14 anos resolvi dividir com a minha irmã aquilo que já era muito claro para mim: gostava de meninos, e sabia que isso decepcionaria minha família. Ela chorou disse que logo essa fase passaria, e o pior: contou para todo mundo. Minha família chegou a me encaminhar ao psicólogo. Depois, à igreja. Não foi fácil, mas o alívio de compartilhar a situação me transformou em outra pessoa. Pouco falo sobre meus namoros, e agiria da mesma forma se eles fossem com meninas. Fico, no entanto, bem à vontade para falar de minha vida amorosa no Twitter, no qual tenho mais de 1700 seguidores. De onde menos se espera às vezes ainda vem uma agressão gratuita, mas a coisa está mudando para melhor (p.114).

Na mídia social, Lucas ainda não está livre de insultos eventuais, embora se sinta a vontade para falar de si. O alívio relatado pelo entrevistado se descortina a partir de uma história quase novelesca de não-aceitação e sofrimento. Estranhamente, Veja evita enfrentar o tema óbvio da homofobia. Como bem lembrou Mott (2001), a violência contra os homossexuais é histórica, mas o debate sobre ela ainda é extremamente recente e diríamos, escamoteada pela mídia, numa postura que não pode ser vista como prerrogativa de Veja. O “Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil”, publicado um ano após a reportagem informa que no ano de 2011 foram mapeadas 478 vítimas de crimes ligados à homofobia, dos quais 278 são homicídios.

De qualquer forma, os jovens retratados por Veja, pelos elementos do texto e das fotos das reportagens, pertencem as classes média e alta. Como lembram Simões e França (2005), os cenários que homossexuais ricos e pobres enfrentam são opostos. Enquanto quem tem alta renda é disputado como frequentador de boates e restaurantes, quem não tem dinheiro conhece a face do preconceito nas ruas. Isso pode explicar a distorção entre o que ocorre na realidade e a imagem que a revista constrói. Se o olhar de Veja é ingênuo quanto a este ponto, seu conservadorismo típico fica claro no trecho a seguir:

Os jovens que aparecem nas páginas desta reportagem, que em nenhum instante cogitaram esconder o nome ou o rosto, são o retrato de uma geração para a qual

não faz mais sentido enfurnar-se em boates GLS (sigla para gays, lésbicas e simpatizantes) – muito menos juntar-se a organizações de defesa de uma causa que, na realidade, não veem mais como sua (p.109).

Num estudo comparativo entre matérias de *Veja* acerca da homossexualidade, que incluiu o material aqui em análise, Márcia Franz Amaral e Luiz Coletto (2010, p.170) identificaram na reportagem publicada em 2010 “uma construção discursiva e simbólica” de que ser jovem e homossexual, hoje, já não suscita mais quaisquer discussões – e, assim, “pensar questões como direitos, leis, laicidade, violência contra e identidade de travestis e transexuais estaria deslocado do tempo”. A tentativa de despolitizar e até desmerecer a luta por direitos travada pelos movimentos sociais LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais) é trazida através da ideia de que a nova geração não mais se identifica com a busca por direitos igualitários para os homossexuais. O tom da publicação dá a entender que esse jovem não quer nem fazer parte dessa identidade, como exemplifica o termo “enfurnar-se em boates GLS”.

O repúdio à ideia da militância que historicamente lutou pelo fim da intolerância apregoada na matéria é reforçado numa tabela intitulada “Sem bandeiras nem passeatas” (cujos dados trazidos, todavia, não apresentam nenhuma conexão com o título) e num trecho típico do texto irônico ou corrosivo que marca a revista há décadas: “mesmo que às vezes usados como bandeira por bandos de militantes paparicados por políticos em busca de votos, pode-se dizer que tais episódios [gafes públicas de preconceito aos gays] apontam para uma direção positiva” (p.111). Como denunciaram Leal e Carvalho (2012), a despolitização das pautas homossexuais ocorre quando mídia individualiza essas questões e as exclui da esfera de reivindicação coletiva. Assim, os movimentos sociais são sutilmente retirados de cena. E *Veja* faz isso com visível prazer.

A reportagem ainda recorre ao recurso comum, o de trazer o debate sobre a homossexualidade para o mundo das celebridades e das novelas. Sobre isso, *Veja* destaca um casal gay que, nas tramas do folhetim da Rede Globo, fazia sucesso na época:

Nas novelas brasileiras, os homossexuais já não são mais tratados de maneira tão caricatural. “É possível exibir na TV a vida comum de casais gays sem que isso provoque a rejeição do público, como no passado. Hoje, esses personagens fazem o maior sucesso”, analisa Manoel Carlos, autor da atual novela das 8, *Viver a Vida* (p.114).

No trecho, o autor de novelas Manoel Carlos descreve a introdução de personagens homossexuais nas novelas como algo corriqueiro, um tema que pode ser abordado com naturalidade. Considerando que, em 2010, as novelas ainda mantinham diversos tabus com

personagens homossexuais, o relato torna-se questionável. Só em 2013 o primeiro beijo gay foi televisionado pela Rede Globo, principal canal da televisão brasileira, e, só em 2014, o primeiro casamento gay pode ir ao ar também. Vista de forma retrospectiva, o trecho de *Veja* torna-se quase uma ironia. Estava por vir a incrível reação conservadora – de público e crítica – contra o casal homossexual feminino (e idoso) de “Babilônia”.

O ano de 2011 marca um inexplicável esquecimento do tema da homossexualidade na agenda de *Veja*. Para não dizer que a revista silenciou por completo o assunto, há uma entrevista nas páginas amarelas com o cantor porto-riquenho Ricky Martin, intitulada “A felicidade foi me assumir”, publicada em 26 de janeiro de 2011. A linha de apoio, “Sessenta milhões de discos vendidos no mundo não bastaram para o cantor Ricky Martin: ele conta por que só se realizou de forma plena ao revelar publicamente que é gay” (p.15), reforça o mote que predomina no material. Das 16 perguntas que o repórter fez ao artista, 14 são sobre homossexualidade, sua revelação e a forma como Ricky Martin tem conduzido sua vida pessoal, incluindo a mãe de aluguel que gerou seu filho. O repórter se vale da estratégia, abordada por Oliveira (2002), da “narrativa de revelação”. Afinal, o leitor conhece Ricky Martin, tem noção de sua trajetória e o interesse público que traz noticiabilidade a essa pauta é, justamente, a história do cantor que “sai do armário”.

Retomando aquela máxima de Leal e Carvalho (2012) sobre o esvaziamento do sentido de coletividade que os relatos de personalidades gays sugerem, restaria lembrar que tal sentido fazia parte da agenda de outras revistas. A edição de *Época*, publicada em 3 de março de 2011, produzia uma capa impactante para a matéria intitulada “Amor e Ódio aos gays” propondo um debate que contrasta a liberdade de expressão sexual que o Brasil vive no Carnaval e as estatísticas dos crimes por homofobia. A rival de *Veja* ainda dá destaque para a decisão histórica do Supremo Tribunal Federal sobre a união estável de casais do mesmo sexo⁷.

A questão das celebridades como gancho para matérias sobre homossexualidade e comportamento ganha relevo no ano seguinte ao emudecimento de *Veja*. Publicada em 30 de julho de 2012, “Perdeu a graça”⁸ trata diretamente da revelação de artistas sobre sua

⁷ Para McCombs (2009), a agenda da mídia determina a agenda pública. Ironicamente, a tese igualmente clássica de auto-agendamento entre os veículos não se confirmou nesse caso. Enquanto *Veja* ignora o assunto, *Época* reconhece sua importância enquanto tema em pauta na esfera pública, inclusive pelo debate no Poder Judiciário.

⁸ A mesma matéria traz um infográfico intitulado “Armário esvaziado”, no qual vários famosos são listados. O detalhe: todos são homossexuais do gênero masculino. O fato de só homens estarem na matéria teria a ver com a apresentação de estereótipos pela imprensa de forma que o público aceite e compreenda a pauta como mais “amigável”? Como mostrou Lippmann (2008) os estereótipos são fundamentais na conformação da opinião pública, ao darem sentido ao pseudo-ambiente construído pelas narrativas jornalísticas. Lembremos que o homossexual do sexo masculino ainda é mais retratado do que as mulheres gays, que representam uma dupla minoria, por serem mulheres e pela orientação sexual.

homossexualidade, incluindo um daqueles casos insólitos tão valorizados pelos critérios de noticiabilidade: no caso do conteúdo de *Veja*, a confirmação do rapper americano Frank Ocean, integrante do grupo Odd Future, conhecido por suas músicas machistas e homofóbicas. Vale retomar a observação de Pena (2010) acerca da simbiose e influência mútua entre mídia e imprensa: o enquadramento de *Veja* sobre a vida das celebridades homossexuais é tão pertinente à mídia que a matéria em questão está vinculada à editoria “Showbiz”. O mote de “Perdeu a graça” é que assumir-se tornou-se um ato banal: “A celebridade que admite ser gay está se tornando uma figura trivial, que já não provoca nem escândalo nem admiração”, sintetiza a abordagem da revista.

No entanto, *Veja* teria que desmentir sua tese sobre a trivialidade das revelações de celebridades gays no ano seguinte. Sua cobertura de 10 de abril de 2013 mostrou que o assumir-se gay publicamente da cantora baiana Daniela Mercury (que no jargão jornalístico denomina-se gancho) não era assim tão “trivial” para a própria revista. Ao publicar no Instagram uma montagem com fotos românticas junto à jornalista [novamente a imprensa como tema da imprensa] Malu Verçosa com a legenda “Malu agora é minha esposa, minha família, minha inspiração pra cantar”, Daniela Mercury inverte a ordem natural do Agendamento e pauta não apenas a Revista *Veja*, como boa parte da mídia tupiniquim. A chamada de capa reconhece tal feito: “Casamento Gay: A cantora Daniela Mercury apresenta sua esposa e faz da união homossexual uma questão inadiável no Brasil”. O título principal e a linha de apoio da reportagem especial da edição seguem na mesma direção: “A revelação pública de Daniela. Ao anunciar a união com uma jornalista de televisão, a quem chama de esposa, a cantora baiana Daniela Mercury tornou obrigatória a discussão sobre o casamento gay no Brasil” (p.69). O enquadramento da matéria prioriza a questão do casamento, mas abre um debate relevante para outros tantos tópicos antes relegados ao site ou blog da revista.

Mas como nada é perfeito – sobretudo em *Veja* –, a reportagem lança mão daqueles estereótipos largamente conhecidos desde Lippmann (2008). “Mãe de dois filhos já adultos, do primeiro casamento, e de outros três adotados, do segundo, Daniela, de 47 anos, assumiu a união com a jornalista Malu Verçosa, de 36. Ainda não houve casamento no papel” (p.69). Não se trata de uma lésbica qualquer, afinal e muito menos de uma lésbica clássica. Ao caracterizar Mercury e explicar em que contexto essa mulher se assume homossexual, somos confrontados com um respeitoso currículo, por assim dizer: o caso em

questão é de uma mãe de cinco filhos e que já passou por, ao menos, dois casamentos (heterossexuais). Pior ainda foi a postura da revista diante das críticas da cantora – feita dentro dos limites democráticos - contra as posições reacionárias do deputado Marco Feliciano (PSC-SP), na época presidente da Comissão dos Direitos Humanos da Câmara. No texto de Veja lemos

Escreveu a cantora: “Numa época em que temos um Feliciano desrespeitando os direitos humanos, grito meu amor aos sete ventos. Quem sabe haja alguma lucidez no Congresso Brasileiro”. Ao misturar seu relacionamento com política, Daniela prestou um desserviço ao mesmo tempo ao romantismo e à sua seriedade de propósitos.

Como se depreende da ridícula frase do texto (“um desserviço ao mesmo tempo ao romantismo e a sua seriedade de propósitos”) Veja não perdoa a crítica da artista frente a um político que estimula, do alto de uma posição institucional, o sentimento homofóbico no país. Para a revista, trata-se de um “desserviço”, que questiona a “seriedade” dos propósitos de Daniela. Como disse num outro contexto Maria Celeste Mira (2003), o caráter editorializado da revista confirma seu papel ideológico na formação da opinião pública. A mesma conclusão é obtida pela pesquisa de Márcia Franz Amaral e Luiz Coletto (2010) para quem a revista faz um recorte transpassado por um viés político-ideológico de abordagem e de fontes para retratar a homossexualidade, despolitizando a questão e, assim, enfraquecendo o movimento LGBT como consequência do processo de transformação da informação em notícia.

À despolitização de Veja corresponde um acoplado discurso moralizante. “É natural e positivo que as instituições tratem as mudanças comportamentais *radicais* com a cautela devida. É natural e positivo também que as pessoas possam ter tempo para se acostumar com esses novos ordenamentos sociais e avanços comportamentais” (p.70 [grifo nosso]). Reforçando a ideia de um contrato implícito entre veículo e leitor, Veja oferece um contraponto conservador que agrada ao público também conservador da revista frente a uma pauta demasiadamente progressista.

Ao menos, ao contrário da matéria de 2010, Veja lembra-se da existência do fenômeno da homofobia. A partir da história de Alexandre e Diogo, um casal homossexual, contada em um Box intitulado “Na proteção da Zona Sul”, a revista pauta involuntária e indiretamente a questão da violência contra homossexuais, uma vez que os entrevistados comungam de um *touch* tão alienado quanto heteronormativo. Não fosse trágica, a fala do entrevistado seria cômica: note-se que a fonte não sofreu nenhuma “manifestação”

preconceituosa ou homofóbica, mas foi informado de que isso existe por um funcionário gay, negro e filho de evangélicos da loja em que trabalha:

Juntos desde 2005, o gerente de RH Alexandre Hockensmith e o gerente de loja Diogo Bastos fazem questão de não frequentar ambientes exclusivamente gays. Contam que, no seu círculo de amizade, predominam casais heterossexuais. “Chega de gueto”, diz Bastos. Eles afirmam que nunca foram alvo de manifestações homofóbicas exacerbadas, mas acham que isso tem relação com o fato de morarem num bairro de classe média alta do Rio, o Leblon. “Eu cheguei a achar que o preconceito tinha acabado”, diz Bastos. “Até que um funcionário da loja em que trabalho – morador da Baixada Fluminense, gay, negro e filho de evangélicos – me chamou para conversar e contou que a vida dele é uma luta diária” (p. 71).

A revista também buscou fugir dos estereótipos mais clássicos de lésbicas masculinizadas ao apresentar o casal Lanna e Rosania, cujas trajetórias individuais misturam famílias tradicionais com convicções religiosas. Aqui, novamente a presença – e o peso – da questão religiosa é ressaltada por Veja:

Há dezessete anos, Lanna Holder assumiu ser homossexual. A família não aceitou e a obrigou a frequentar uma igreja evangélica, na qual ouviu que sua opção era influência do diabo. Ela cedeu, casou-se, teve um filho e virou pastora, chamada de “a ex-lésbica”. Em uma viagem aos Estados Unidos, conheceu Rosania Rocha, que era casada e tinha um filho com um pastor. Logo anunciaram que viveriam juntas. “Foi um escândalo. Fui banida das igrejas e queimaram meus livros”, diz Lanna. Em 2011, fundaram a igreja Comunidade Cristã Cidade de Refúgio, em São Paulo, em que 90% dos fieis são gays. “Seguimos a mesma Bíblia. A diferença é que aceitamos os homossexuais”, diz Lanna. A duas vão se casar em dezembro (p.73).

Apesar da pauta progressista que o conjunto da reportagem aciona ao ser construída com uma certa diversidade de vieses, a postura conservadora ainda se nota na ausência de gays de classes mais baixas para diversificar a matéria e compor uma discussão mais completa sobre o “amor que não ousa dizer seu nome”, para usar um dos clichês que já foi o mote da condição homossexual. Como ressaltaram Benetti, Storch e Finatto (2011), a revista mostra o quanto está em consonância com os “tempos modernos”. Ao usar o que os autores chamam de “meta-acontecimento” (a pesquisa universitária que propicia o gancho para a Capa “Ser Jovem e Gay”, de 2010), Veja dá vazão a temáticas “de minorias” aliando duas características centrais ao funcionamento das revistas: o uso de um tema de longa duração e a prerrogativa intocável do “dispositivo de autoridade”.

]

REFERÊNCIAS

AMARAL, Márcia Franz; COLETTI, Luiz Henrique. A Homossexualidade em Veja: limites terminológicos e expansões de sentidos. In: **Revista Eco-Pós**, v. 13, n. 3, p.155-174, 2010.

- BELELI, Iara. “Eles(as) parecem normais”: visibilidade de gays e lésbicas na mídia. In: **Revista Bagoas**. Natal, RN, n. 4, p.113-130, 2009.
- COLLING, Leandro. Personagens homossexuais nas telenovelas da Rede Globo: criminosos, afetados e heterossexualizados. In: **Revista Gênero**. Niterói, v. 8, p. 207-221, 2007.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto. A grande mídia brasileira e as identidades LGBT: um retrato em 2008. In: **Diálogos de la Comunicación**. v. 84. FELAFACS, 2012.
- LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria da Comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MCCOMBS, Maxwell. **A Teoria da Agenda: a mídia e a opinião pública**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp, 2001.
- MOTT, Luiz. A Revolução Homossexual: o poder de um mito. In: **Revista USP**. São Paulo, n.49, p.40-59, março/maio de 2001.
- OLIVEIRA, Antônio Eduardo de. Narrativas e homoerotismo. In: SANTOS, Rick e GARCIA, Wilson (orgs.). **A escrita de Adé: perspectivas teóricas dos estudos gays e lésbicos no Brasil**. São Paulo: Xamã, 2002
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2010.
- RECKZIEGEL, Tatiana. O papel polemista das Revistas Veja e Carta Capital. Anais do XXIV Salão de Iniciação Científica da UFRGS. 2012
- ROGAR, Silvia; Bortoloti, Marcelo. A Geração Tolerância. **Veja**, São Paulo, 12 mai. 2010. Reportagem de capa, p.106.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. São Paulo: Contexto, 2009.
- SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, I. L. Do gueto ao mercado In: **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. 1ª ed. São Paulo: Unesp, 2005, p. 309-336.
- SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari. **A Homossexualidade e a AIDS no Imaginário de Revistas Semanais (1985-1990)**. Tese (Doutorado em Letras), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.
- VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. 2010. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.











